



DEFESA DE Espinha

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2251 / 24 DE MAIO DE 1975 / PREÇO 3\$00

Fim de Semana • 104

1.

Os acontecimentos do dia 1 de Maio?
Mas houve acontecimentos do dia 1 de Maio?
Ou apenas eclodiram em 1 e 2 de Maio movimentos de força que estavam a ser preparados e tomaram por pretexto para a sua exploração o que se passou em 30 de Abril e 1 de Maio?

2.

Em 30 de Abril o que se passou foi a promulgação pelo Conselho da Revolução da Lei das Associações Sindicais, consagrando o princípio da unicidade, e o reconhecimento da Intersindical como organismo de cúpula das associações de trabalhadores.

3.

Difícil é dizer o que se passou em 1 de Maio.
Servindo-nos do que há de comum nos relatos de jornais e comunicados de partidos e organismos metidos no conflito, do que cada um reconheceu contra si, do testemunho (mas apenas em matéria limitadíssima e ao nível do Porto) de pessoa amiga que interveio na organização das comemorações, do que vimos do Porto e da nossa análise, é que vamos partir para as considerações imediatas.

4.

Os acontecimentos de 1 de Maio não foram nada. Apenas serviram de, repetimos, pretexto para um desencadear de ocorrências tão rápido e concertado que nos leva a meditar no significado do que se passou, passa e, por certo, passará.
Tudo começa na preparação das celebrações daquele dia pelo indesculpável erro da Intersindical de, em vez de convocar os trabalhadores para as manifestações, ter convocado partidos políticos — e apenas alguns.

A Intersindical é um organismo sindical de cúpula que tem a defesa das massas proletárias sem discriminação partidária.

O segundo erro da Intersindical vem de, ao resolver convocar partidos, em vez de trabalhadores, ter-se dirigido apenas a alguns, fazendo discriminação manifestamente política.

A reacção não dorme e sabe explorar todos estes erros.

Se o P.C. (que dominou a Intersindical) ainda tinha nessa data predominância nela, tem tanta culpa ou mais do que ela nesses factos — e dizemos MAIS pela sua larga experiência de luta política. Igualmente dizemos SE AINDA DOMINAVA, pois certos factos ultimamente ocorridos levam-nos a crer que o P.C. tem estado a perder o ascendente sobre ela.

5.

Vem depois as culpas do P.S. ao prontificar-se a aliar-se à iniciativa se fossem excluídos dela certos partidos e, depois, a não usar da palavra SE ESSES MESMOS PARTIDOS O FIZESSEM.

Começa a história do lobo e do cordeiro.

O P.S. tem de arranjar pretexto para uma exibição da sua força eleitoralista.

(Continua na pág. 2)

Política de Não-alinhamento

Desde 1956 tornaram-se independentes cerca de 45 países. Em números latos 180 milhões de pessoas, que ainda em 1956 estavam submetidas ao jugo colonial, são cidadãos livres.

O que traduz, na realidade, a política de relações externas, seguida por estes povos componentes do chamado Terceiro Mundo e que tantas vezes é apontada como modelo para Portugal?

Para uma primeira análise geral desta política, necessitamos de compreender a evolução das relações de produção existentes nestes países convertidos pelo imperialismo em apêndices da sua economia — países de monocultura e monodústria. Em consequência do domínio colonialista são predominantes, no Terceiro Mundo, os sectores agrícola e mineiro — produção de matérias-primas para os países capitalistas industrializados. Este estágio evolutivo das relações de produção arrasta consigo uma enorme originalidade da composição de classe destes países, que se traduz pela coexistência de formas pré-capitalistas e semi-feudais de luta de

classes, pela existência de vários tipos de economia que formam diversas espécies de estruturas, cada qual uma mini-sociedade de classes. Nestas sociedades de múltiplas estruturas existe o chamado «desnívelamento económico» das massas trabalhadoras as quais desenvolvem a sua luta separadamente: no campo contra o senhor feudal, na cidade contra a burguesia imperialista. Esta correlação social permite à burguesia nacional, emergente, assumir o papel de dirigente no movimento nacional-libertador, em virtude da alguma capacidade revolucionária que adquiriu com a opressão colonial.

Com o advento da independência política dos países do Terceiro Mundo duas opções fundamentais se puseram: a integração económica no campo socialista ou a submissão ao imperialismo. Analisando os diversos tipos de economia dos países do Terceiro Mundo observamos que integram todos em si a possibilidade objectiva de evoluir económica e socialmente em

(Continua na pág. 6)

O TURISMO EM MESA REDONDA

Retomamos hoje a publicação de mesa redonda que interrompemos no último número por exigências de paginação. Convidará desde já recordar que foram intervenientes os senhores Artur Bártolo, Dr. Pinto de Matos e Augusto Mota pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, António Americano, banheiro da praia, António Sá, representando a Solverde, Salvador Araújo, chefe de mesa do Hotel Praia Golfe e Eugénio Morais pela Comissão de Festas de Espinho.

Estavam em discussão as aptidões naturais e equipamento que Espinho possa oferecer a uma eficiente actividade turística. Depois de ouvirmos a opinião do senhor António Americano sobre as condições da praia, foi a vez do senhor Artur Bártolo tecer algumas considerações:

A.B. — Pois eu também julgo que Espinho tem muita coisa a dar nesse sentido. Há certo equipamento que ainda está longe de se esgotar. Claro que não é uma estância turística de 1.ª classe, mas tem condições bastante mais favoráveis que muitas praias mediterrânicas que não deixam de estar repletas no Verão. Aí vende-se turismo, vende-se o equipamento hoteleiro existente. O que tem havido por aqui é uma má planificação e uma certa dispersão. Claro que as pessoas com dinheiro vão abandonando Espinho e procuram o Algarve e o Sul de Espanha, o que aliás acontece muitas vezes com os próprios espinhenses. Portanto, teremos que nos limitar a ser uma zona de turismo de classe média. E vemos que, em termos absolutos, Espinho tem agora uma frequência muito maior do que há alguns anos atrás. Deve haver cá com certeza alguma coisa que atrai esses milhares de pessoas. Temos, isso sim, que trabalhar de modo a proporcionar aos nacionais um melhor preenchimento dos seus tempos livres e conseguir paralelamente captar alguns estrangeiros.

S.A. — Convém lembrar que Espinho não é só praia. Há mesmo turistas que cá vêm passar regularmente as suas férias e não são propriamente banhistas. Há outros polos de atracção. Note-se, por exemplo, a feira semanal que pode ser, já é mesmo, uma atracção turística de muito valor. Precisamos também de conseguir bons acessos, arranjar um parque de campismo, bem equipado, uma boa piscina, etc.

A.B. — A propósito disso, gostaria de abrir um pequeno parêntese: a Câmara propôs ao Fundo de Turismo a construção de uma nova piscina. Pois isso foi-nos negado superiormente sem sequer termos sido consultados. O que desejamos era uma piscina de água quente e fria, que conseguisse responder aos pedidos de inúmeras organizações que se nos têm dirigido nesse sentido.

D.E. — Julgamos que sobre este assunto, da promoção turística a realizar em Es-

pinho, com certeza que a Comissão de Festas terá uma palavra a dizer...

E.M. — A Comissão de Festas vem, nos últimos anos, desenvolvendo uma actividade que, não sendo propriamente de promoção turística, tenta pelo menos fazer com que os habituais frequentadores de Espinho não percam esse hábito.

As realizações desta Comissão pretendem também chegar àquelas pessoas que não vêm a Espinho só por causa da praia ou que nem sequer a frequentam. Esses turistas podem assim contar todos os anos com algumas actividades que os ajudem a passar um bocadinho agradável e impedem que se diga que cá «não se faz nada». Todas as dificuldades com que a Comissão de Festas regularmente se debata podem reunir-se a duas: dinheiro e pessoas. Os componentes da Comissão têm muito boa vontade, eu diria mesmo «carolice», mas o que é certo é que estão um pouco fora de toda a problemática turística. Muitas vezes não sabem mesmo como «fazer» turismo. Quanto ao problema financeiro, não dispomos de verbas seguras, além de estarmos sujeitos a uma série de dependências, nomeadamente de ordem técnica, como salas e outros espaços a aproveitar. A Comissão de Festas tem, portanto, unicamente procurado manter a tradição de uma série de realizações. Para este ano vamos procurar promover algumas inovações, mas estou em crer que não iremos longe. E porquê? Porque estamos a trabalhar num contexto estritamente local. Deveria haver uma centralização em determinados sectores, por exemplo, no que nos diz respeito, em toda a região da Costa Verde. Só um organismo de Estado, com quadros devidamente profissionalizados, poderia solucionar esta situação, comprometendo-se a realizar um conjunto de organizações, espectáculos, atracções, etc., que seriam deslocados de modo itinerante aos diferentes centros populacionais. De outra maneira não poderemos ir longe.

D.E. — Terão as actividades que constam da agenda da Comissão de Festas para este ano um carácter mais acentuadamente popular?

A.M. — É intenção da Comissão de Festas proporcionar a cada realização dois objectivos distintos: chamar visitantes a Espinho e promover acesso da própria população a um certo número de actividades culturais. Acabámos com algumas organizações elitistas, na maior parte dos casos muito caras e que se dirigiam a um público extremamente seleccionado, como é o caso dos Concursos Hípicos. Concretamente, vamos agora encaminhar os nossos trabalhos no sentido das actividades de tipo popular e cultural. Para este ano está prevista, por exemplo a realização de uma Feira Popular que virá talvez a ter um impacto e um alcance bastante maiores do

(Continua na pág. 6)

Leia neste número:

PÁG. 4

ESCOLA VIVA

PÁG. 5

EM FOCO — ANGOLA

FIM DE SEMANA • 104

(CONTINUAÇÃO)

6.

Em Lisboa o P.S. chega ao Estádio 1.º de Maio tarde, quando o comício já decorria.

Segundo os seus comunicados foi um cordão do M.D.P. que o não deixou tomar o seu lugar no desfile e o forçou a ir para o Estádio por outros caminhos.

Custa-nos a crer na versão. O P.S. tem — e com toda a razão — vincado bem a quase nula representação do M.D.P. — 4,12 por cento de sufrágios; ainda o Dr. Salgado Zenha em mesa redonda na T.V. há pouco afirmou que não deu fé do que tal partido tivesse feito no 11 de Março.

Logo, não acreditamos que 4,12 por cento do sufrágio impedisse o passo a 2 milhões de eleitores.

Se isso fosse exacto, seria caso para dizer que nunca tantos fizeram marcha atrás por causa de tão poucos — parafraseando Churchill!

Donde nos parece concluir que ou forças mais fortes se opuseram à marcha do P.S., que este não quer denunciar, ou ninguém o impediu, antes quis (e estava no seu pleno direito de o fazer) seguir isolado e por caminho diverso para o Estádio 1.º de Maio; se quis não chegar tarde, sobre isso é que já não nos atrevemos a escrever nada.

7.

No Estádio comete o P.S. o 2.º erro (ou provocação), não se dirigindo os seus dirigentes logo para a tribuna.

Não sabemos se fizeram minicomícios, se não. Vimo-los, aos dirigentes, pela televisão em frente à tribuna, ouvimos apupos, tudo enquanto falavam o Primeiro-Ministro e o Chefe do Estado.

Em dada altura, resolveram, porém, dirigir-se à tribuna.

Aqui vem o terceiro erro de palmatória da Intersindical a impedir-lhes a entrada com a alegação de que ela podia provocar maiores distúrbios.

Ora somos de parecer que, se os vissem na tribuna, os adeptos do P.S. mudariam de atitude, tudo acalmaria, e, se alguma manobra havia por detrás de tudo isto, ficava morta à nascença; se aumentassem os distúrbios, então é porque havia mesmo manobra séria, a máscara caía e a coisa dava por uma vez o que tivesse a dar, porque o país não permite meias tintas nesta hora de crises.

8.

Pode parecer que a manobra fora consertada pelo P.S. a nível nacional; as aparências assim o apontam.

Em Aveiro quase ninguém apareceu às comemorações do 1.º de Maio, enquanto logo no dia 2 parece que uma força notável aderiu às manifestações de desagravo do P.S.

Em Coimbra o P.S. provocou incidentes graves durante as comemorações.

No Porto, durante o discurso do Ministro do Trabalho, vimos adeptos do P.S. abandonar a praça Humberto Delgado ou sentarem-se no chão de costas voltadas para a tribuna, ou formarem em grupos, na cavaqueira, também de costas voltadas para a Câmara.

Isto são factos.

9.

Manifestações de força a nível nacional com a grandiosidade e ordenação das organizadas no dia 2 não se improvisam de manhã para a tarde.

E os próprios slogans mostram como era anterior a organização; tomando como objectivo de ataque a unicidade, já no dia 1 desfilaram na Avenida dos Aliados letrados de protesto contra ela; até recordamos um de Gondomar: «UNISSIDADE não.....» (sic).

Ora os gritos que tanto se ouviram de ELEIÇÕES LIVRES NOS SINDICATOS, como reivindicação, são chuva no molhado, demagogia e tolice — pois todos sabíamos já naquela altura que a lei sindical ordenava realização de eleições nos sindicatos dentro de 120 dias normativo que ela estabelece.

Essa gritaria era, pois, outro puro pretexto.

Não tem escondido o P.S. a vontade de fazer valer o seu triunfo eleitoralista.

10.

O P.S., como já na crónica anterior focamos, tem uma heterogeneidade de correntes políticas que não lhe pode garantir unidade nem estabilidade. Vai, ao que supomos, desde massas deslocadas do C.D.S., que oportunamente o escolheram (foi César Oliveira o primeiro a denunciar o facto) até ao entendimento com a A.O.C., o único partido da extrema revolucionária reconhecido por Pequim.

Tal profusão de correntes permite que seja facilmente manejado pela reacção, sem culpa para os dirigentes nem para os socialistas marxistas.

E leva os dirigentes a uma contradição permanente de actos e palavras. Veja-se o seu princípio de entendimento com o P.C., o comunicado conjunto — e logo no dia seguinte a conferência de imprensa do P.S. de ataque frontal ao P.C.

Os malabarismos de posições dos dirigentes são patentes e fruto dessa necessidade de estar em equilíbrio dentro das múltiplas colorações que apontamos. Lembramos que no Século Ilustrado de 10, em entrevista, um dirigente do Partido da Democracia Cristã o incluía dentro dos partidos da direita, abonando-se no consenso dos países estrangeiros do ocidente.

11.

O P.S. devia ter sido e continua a ser vítima de vasta manobra da reacção.

Repare-se em que muita coisa acontece ao mesmo tempo.

12.

Assim, renasce o surto de desentendimento em Angola, numa crise que se agrava cada vez mais e não sabemos onde se detem a escalada.

É frontal a oposição da F.N.L.A. já, neste momento, a Portugal. Os Estados Unidos têm de procurar redimir-se noutra lugar do mundo da figura deplorável que fizeram no Extremo Oriente — Vietname, Cambodja, etc.; talvez o ponto escolhido seja Angola; talvez a arma seja a F.N.L.A.

Talvez as vítimas sejamos nós.

Não era destituída de senso a denúncia feita pela F.S.P.

13.

Vem ao mesmo tempo, além da onda de boatos, a de greves, aproveitando em parte o pretexto de ser altura de revisão dos contratos colectivos de trabalho.

(Concluída na pág. 6)

Concurso «D.E.»

O vencedor do Concurso do n.º 2249, de 10 de Maio de 1975 foi o nosso leitor **Henrique Pedro Cierco**, morador na Rua 28 n.º 653, em Espinho. O prémio está à sua disposição na nossa Redacção.

A resposta certa era: «O TERROR E MISÉRIA NO III REICH» pelo Grupo «CORNUCÓPIA».



O Concurso desta semana é dedicado à ARTE.

Eis a nossa pergunta:

COMO SE CHAMA O AUTOR DA ESCULTURA REPRESENTADA NA GRAVURA?

Ao vencedor deste Concurso entregaremos os 2 volumes que constituem a «HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL».

As respostas devem dar entrada na nossa Redacção até Sábado, em bilhete postal.

ANTA

Os seus quês e porquês

Somos uma equipa frágil mas mais ou menos afinadinha e que pratica jogo aberto, evitando tanto quanto possível as bolas fora ou até calçar o risco, procuramos desenvolver as jogadas dentro do rectângulo do jogo considerando todo o seu traçado que admitimos estar em obediência às relativas e universais leis, transportando: Anta, é o terreno onde pretendemos praticar o tal jogo, mas confessamos sentir imensa dificuldade em conhecer o género de marcações efectuado.

Relativamente a alinhamentos, Anta possui autênticos monumentos de arte estragada, que bem merecem a visita de quem não enferme de estrabismo, pois só esses poderão concluir o quanto de mau fizeram pessoas talvez bem intencionadas e que a corresponderem a este predicado, então a culpa já não é delas, todavia, não deve continuar a permitir-se a proliferação de tais eleições públicas, que não dizendo bem de quem os provoca, também não abona quem os consente.

Já agora que nos permitimos entrar nestes assuntos fica o convite feito para uma digressão pela rua 33 até à estrada que dá para a igreja, levem os olhos de vistas largas, permaneçam — não por muito tempo para não lesarem a boa disposição que estimamos os acompanhe — e reparem no que está feito defronte, no prédio em construção no ângulo poente-norte daquelas duas artérias, reparem ainda no alinhamento das casas a partir da velha

Escola para Sul até ao referido prédio e digam a que plano obedece a construção à margem da estrada daquele «quiosque» e digam coisas.

A nosso ver, parece que há qualquer coisa na Câmara que não está bem, esta qualquer coisa, é um departamento que em nossa opinião não pode nem deve usufruir de tão ampla liberdade de pôr e dispôr, conforme lhe dá na real gana ou noutra coisa qualquer, da casa dos outros; a freguesia tem uma Junta ou quem a represente, que deverá ser ouvida no momento próprio sem que as prerrogativas de cada um sejam melindradas, mas que é um direito que se não existe deve existir, ou é que continuamos sujeitos a comer e calar, não, já não digerimos os cozinhados do pretérito, nem temos interesse a que a posteridade se dê à maçada de nos descobrir para razoavelmente nos desancar.

A. O. e S.

DEFESA DE ESPINHO

SEMÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSE JOAO MALA
JOSE PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA

CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

AERO CLUB DA COSTA VERDE

ASSEMBLEIA GERAL

Por proposta da Direcção e a pedido do Presidente da Assembleia Geral convoco

Nos termos do Artigo 32.º § 2.º, convoco todos os sócios do Aero Clube da Costa Verde a reunirem-se em Assembleia Geral no dia dois de Junho próximo, pelas 20,30 horas (vinte horas e trinta minutos) na sede social, sita nas instalações aeronáuticas em Paramos, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Pedir autorização à Assembleia para entrar na Federação dos Aeroclubes do Norte;
- 2.º Apreciação da proposta da Direcção relativamente aos médicos do Clube;
- 3.º Apreciação de propostas para futuro funcionamento do Restaurante;
- 4.º Meia hora para tratar de outros assuntos de interesse para o Clube.

Se à hora marcada não estiverem presentes sócios em número suficiente, fica a Assembleia desde já convocada para uma hora depois, funcionando com qualquer número de sócios.

Espinho, 22 de Maio de 1975.

Em nome do Presidente da Assembleia Geral, o Secretário Geral

António Joaquim G. Baptista Freitas

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

REDE DE SANEAMENTO

Na passada segunda-feira esteve em Espinho um técnico da Direcção-Geral dos Serviços de Saneamento para estudar localmente o projecto do prolongamento da rede de saneamento de Espinho à freguesia de Anta, no qual figura a construção de uma estação elevatória para o lugar do Monte Lírio. Das suas observações directas, aquele técnico verificou que os pro-

jectos, em princípio, estavam conformes, pelo que dentro de 15 dias deverão ser submetidos a despacho do Secretário de Estado das Obras Públicas.

Oxalá o despacho afirmativo venha a surgir e que muito em breve se dê início a esta importante obra, do maior interesse para a saúde das populações.

PALÁCIO DA JUSTIÇA

Conforme havíamos noticiado no nosso último número de Abril, deslocaram-se a Espinho, no passado dia 13, alguns técnicos do Ministério da Justiça, que observaram os terrenos indicados para a implantação do Palácio da Justiça da nossa Comarca e, bem assim, também apreciaram o estudo de

urbanização em que o edifício virá a integrar-se.

Uma vez que parece terem agradado os estudos feitos pela nossa Câmara, fica-nos a esperança de que o assunto venha a ter o andamento necessariamente dinâmico que leve à concretização da obra.

Comissão de Festas de Espinho

A exemplo do que tem acontecido em anos anteriores, constituiu-se uma Comissão de Festas de Espinho, com o objectivo de promover realizações de interesse turístico, durante os meses de maior afluência de visitantes a esta cidade.

Este comunicado o primeiro duma série que esta Comissão faz questão de publicar periodicamente, no sentido de dar a conhecer à população de Espinho as actividades por ela realizadas e a realizar.

Neste sentido, passa-se a informar que a Comissão de Festas está praticamente constituída e que presidiu à sua formação a ideia de que nela a população do concelho deveria estar amplamente representada.

Para isso se adoptou o critério de convidar representantes de partidos políticos, que à data da formação da Comissão tinham sede em Espinho, e ainda de outras agremiações de carácter cultural ou desportivo do nosso concelho. Conta ainda com 2 representantes da Comissão Administrativa da C.M.E., nomeadamente o Presidente da Comissão Municipal de Turismo, para além de elementos que no ano anterior prestaram a esta Comissão a sua colaboração.

Passa-se assim a indicar os nomes de todos os elementos que, desde há três meses, constituem e tem trabalhado nesta Comissão:

- Arquit.º Reinaldo Costa — Presidente da C. M. Turismo;
- Augusto Mota — Comissão Administrativa de Espinho;
- António Castro — Associação Académica de Espinho;
- Alberto Lopes — Movimento Democrático Português;
- Eugénio Morais — Partido Comunista Português;
- Ángelo Carvalho — Partido Popular Democrático;
- Jacinto Noronha — Partido Socialista;
- Antenor Sá Pereira — representante das associações musicais do concelho.
- Delfim Ribeiro;
- Fernando Meneses;
- Silvino Fidalgo.

Desta lista não consta um representante do Sporting Clube de Espinho que, embora várias vezes solicitado, não nos deu a conhecer o seu interesse em participar nesta Comissão.

No início dos trabalhos e com vista à sua organização interna, foi decidido constituir um secretariado com 3 elementos, já eleitos, e nomear o Sr. Delfim Ribeiro como Tesoureiro desta Comissão. De igual modo, se processou à constituição de grupos de trabalho, que se ocuparão de actividades que pelo seu carácter específico assim o aconselhem.

Em relação às actividades para este ano, iniciou-se já a elaboração de um programa de festas, que, embora com carácter provisório, se procurará levar por diante, desde que as disponibilidades financeiras, técnicas e humanas assim o permitam.

Deste programa afigura-se de realçar a realização dum conjunto de espectácu-

los e actividades de características populares que esta Comissão pensa designar por «Feira Popular» e vir a realizar no Parque João de Deus de 5 de Julho a 31 de Agosto.

De destacar serão também as várias realizações dedicadas às crianças, assim como outras actividades de carácter cultural, desportivo e recreativo, envolvendo as manifestações já tradicionais entre nós, para além de algumas inovações ainda em estudo.

Aproveita esta Comissão de Festas para fazer um apelo no sentido de lhes serem comunicadas urgentemente todas as sugestões, que pelo seu interesse, possam vir a ser consideradas para uma possível inclusão no programa definitivo que oportunamente será divulgado.

A Comissão de Festas de Espinho

PELO PATRONATO

O conhecido Patronato da Divina Providência continua a desenvolver em Espinho a sua actividade assistencial, e presentemente aceita crianças entre os 3 e os 6 anos, vindas de Angola ou Moçambique, a que assistirá gratuitamente até que as situações dos pais estejam definidas.

Esta instituição deve ter realizado ontem nas suas instalações uma reunião com os «pais» de Espinho que pretendem auxiliá-la na sua obra assistencial.

VACINAÇÃO CONTRA O SARAMPO

No próximo mês de Junho o Centro de Saúde de Espinho vai proceder a uma nova campanha de vacinação contra o sarampo. Já foi suficientemente divulgada a grande vantagem desta vacinação, que, sendo praticamente inócua, protege eficazmente contra esta doença. No nosso País o sarampo é ainda muito frequente, sendo factor de mortalidade pelas suas complicações (broncopneumonia, encefalite, etc.), podendo também originar defeitos graves, como perturbações da visão e da audição.

O programa da vacinação é o seguinte:

- Em Espinho, nos dias 2 e 3, no Centro de Saúde;
- Em Anta, no dia 9, no edifício da Junta de Freguesia;
- Em Silvalde, no dia 18, no edifício da Junta de Freguesia;
- No Bairro Piscatório, no dia 19, no Posto Médico da Casa dos Pescadores;
- Em Paramos, no dia 25, no edifício da Junta de Freguesia;
- Em Guetim, no dia 27, no edifício da Junta de Freguesia.

Esta vacinação é ministrada a todas as crianças dos 1 aos 5 anos que ainda não tenham sido vacinadas e não tenham tido sarampo, sendo as vacinações feitas das 9,30 às 12,30 e das 14,30 às 17,30 dos dias indicados.

Notícias da Secção Cultural da AAE

É necessário e urgente que a juventude comece a dedicar os seus tempos livres na luta pela sua formação política, na luta pelas fases mais prementes da nossa revolução, na luta contra o subdesenvolvimento e pela elevação do nível económico, social e cultural do nosso povo.

É considerável o número de jovens que ainda hoje encaram os tempos livres como tempos unicamente dedicados à sua própria diversão e na maior parte das vezes são fonte de vícios. Para estes jovens a consciencialização dos problemas que afectam a nossa sociedade não existe, todo o tempo é gasto inconscientemente sem se aperceberem que estão a perder momentos, decisivos da nossa situação futura, pelos quais nunca mais passarão.

Hoje, o nosso Povo vive uma época de grandes transformações revolucionárias e nas quais a juventude tem um papel importante a desempenhar; o futuro da nossa revolução depende em grande parte da participação activa que os jovens, trabalhadores e estudantes, nela tiverem.

Uma das lutas mais consequentes, que pode e deve ser levada a cabo, é a da pela elevação do nível cultural do nosso povo.

Liquidar a pseudo-cultura fabricada pelo fascismo e pelo obscurantismo, substituindo-a por formas culturais que sirvam os interesses das massas populares, aproveitando para isso as suas próprias manifestações artísticas, são objectivos a realizar pela juventude que, por este meio, as fará consciencializar-se de que o 25 de Abril foi o início duma etapa que a todos servirá e fundamentalmente aos jovens para que não sofram os condicionamentos repressivos da geração anterior.

A actividade social dos jovens deve desenvolver-se com base em organizações bem estruturadas e francamente progressistas e nos seus interesses e objectivos pela construção duma sociedade totalmente nova e saudável.

Aos nossos tempos livres chamemos-

lhes tempos de luta e que a qualquer hora saibamos sacrificarmo-nos por uma causa comum plenamente consciencializados e firmes de que estes esforços nunca terão sido em vão.

Jovem, Amigo, junta-te a nós, organiza-te, ajuda-nos a construir um Portugal de todos nós.

Inscreve-te na Secção Cultural. Levaremos a cabo no próximo dia 29 pelas 16 horas, uma reunião-convívio na sede da Associação Académica de Espinho.

Comparece e participa!

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

DO HOSPITAL

Movimento de 13-5-75 a 20-5-75

Internamentos Gerais	39
Exames Radiográficos	166
Crianças Nascidas	13

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	4
Oftalmologia	3
Obstetria	2
Cirurgia Geral	8
Ortopedia	3
Otorrino	11

Serviço de Urgência

Homens	188
Mulheres	175

Internados entre outros

Maria Fernanda Alves Santos, para Cirurgia, de Oliveira do Bairro; Rogéria de Lima Vieira Pinto, para Cirurgia, de Espinho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

3.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;

Amanhã, domingo — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;

Segunda-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;

Terça-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;

Quarta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;

Quinta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;

Sexta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, Sábado, 24 — SE..., com Malcolm McDowell e Christine Noonan — 18 anos.

Amanhã, Domingo, 25 — LARANJA MECÂNICA, com Malcolm McDowell e Adrienne Corri — 18 anos.

Terça-feira, 27 — A INDECENTE MARY E O LOUCO LARRY, com Peter Fonda e Susan George — 18 anos.

Quinta-feira, 29 — TODA UMA VIDA, com Marthe Keller e Carla Gravina — 18 anos.

Sexta-feira, 30 — O VIKING SICILIANO, com Lando Buzzanca e Pamela Tiffin — 18 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 24, e amanhã, Domingo, 25 — ESTADO DE SÍTIO, com Yves Montand e Renato Salvatori — 18 anos.

Segunda-feira, 26 — ISCA HUMANA, com Telly Savalas e Tom Stern — 18 anos.

Quarta-feira, 28 — SÓ O COLT ERA SAGRADO, com Jeff Cameron e Crista Nell — 14 anos.

Sexta-feira, 30 — SARTANA O VINGADOR, com Gianni Garko e Susan Scott — 18 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Helder Manuel, filho de Manuel de Almeida Couto e de Maria Lisete Fontes da Silva;

Silvia Susana, filha de João Fernando Pinto Ferreira e de Maria Emília Teixeira Coelho;

Alexandra Manuel, filha de Arlindo Ferreira Macedo e de Maria Laura de Jesus Valente Macedo;

Patrícia Alexandra, filha de José Elísio Fajardo Seabra e de Maria Alice Rodrigues do Nascimento Seabra.

CASAMENTOS

Na Conservatória de Espinho:

Lino Ferreira Marques Pinto com Maria Blandina Alves Barbosa Pinto.

FALECIMENTOS

VIRGINIO AUGUSTO PEREIRA

Na sua residência, nesta cidade, faleceu no passado dia 15, o sr. Virgínio Augusto Pereira de 83 anos de idade, casado com a sra. D. Serafina Soares Pereira, pai dos srs. drs. Alfredo Virgínio e Jorge Collus Barros Pereira e da sra. dra. Regina Soares Pereira.

SERAFIM PEREIRA MALTA

Também faleceu no dia 15, na sua residência na Idanha, o sr. Serafim Pereira Malta de 86 anos de idade, viúvo de D. Rosa Pinto de Oliveira e pai do sr. dr. António Pereira Pinto, desta cidade. As famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

O por-do-sol renascido

Algures na Terra, em Espinho — Cidade, sacola às costas, olhos descobrem o mistério do entardecer.

Começa a viagem escrita no livro que tens nas mãos:

— Era uma vez...

Para ti sentado ao entardecer frente ao mar ainda há «uma vez». Para outros nem pôde-sois, nem horizontes.

— «Quando eu for grande hei-de atravessar este mar sem fim.»

Quantos anos em flor, quantos horizontes, quantos sonhos dentro da sacola.

— E o Sol despede-se neste fim de dia, que morre em tons de fogo. São horas de regressares à casa. Hoje demoraste mais do que é costume.

Vão ralar contigo, vais ver. Vais dizer que estiveste a ver morrer o dia. E quem vai acreditar?



Que te interessa que o dia nasça ou morra, que haja mar e horizontes? Um dia vais ser grande. Vais ter uma pasta como o pai. Os sonhos da tua sacola vão-se transformar em longos relatórios com muitos números. O livro que agora tens na mão vai dar lugar a uma agenda onde irás escrever o teu destino com todos os espaços preenchidos onde não caberá um fim-de-tarde frente ao mar. Ao teu pulso vai-se prender a algema dum relógio de precisão. O Sol vai ser o mesmo de sempre só que não voltarás a vê-lo esconder-se por detrás do mar. E o horizonte? Quatro paredes forradas de papel de fantasia, uma secretária com papéis, um telefone vivo de minuto a minuto.

Aqui te deixo um pedido. Quando tiveres a tua agenda e antes que a preenchas totalmente escreve num espaço qualquer — PÔR-DE-SOL — e traz outro amigo também.

Hoje Sábado, 24 e amanhã Domingo, 25 — ESTADO DE SÍTIO, com Yves Montand, 18 anos.

Sábado, 25 — 13CA HUMANA, com Telly Savalas e Tom Stern — 18 anos.

AOS PROFESSORES

«Professores: queremos falar convosco, queremos dizer-vos que contamos com o vosso apoio. Vós sois detentores de uma tradição; para vós sempre os tempos foram duros e vistes o vosso trabalho e os vossos esforços desprezados. Entre nós houve mártires que com a sua vida pagaram a esperança de uma vida melhor para as crianças.

Vós sois as grandes veias de cobre em que o povo chileno confia. Através da vossa presença lutadora tornam-se possíveis as grandes mudanças a que a humanidade aspira, pois sois vós quem formais a mentalidade da criança que será o cidadão de amanhã».

Salvador, Allende

A EDUCAÇÃO COMO ARMA POLÍTICA

Assim como é uma falsa questão a existência duma arte pela arte, também é uma defesa da educação pela educação é uma posição idealista, desprovida de qualquer conteúdo real e progressista. Se a arte é a representação do real sob várias formas e na medida em que é uma representação acaba por ser uma tomada de posição, do mesmo modo a educação é primariamente um reflexo das realidades múltiplas que a determinam. Por outras palavras «não há uma educação neutra face à realidade». Logo «nenhuma teoria educacional é possível sem um conceito de homem e de sociedade». E as teorias que mais têm defendido um conceito «puro» de educação são aquelas que mais a têm enfeudado a conceitos políticos, económicos e sociais da sociedade em que surgem. Efectivamente, é bem verdade que «todo o sistema de educação corresponde a um regime económico, social, político, religioso e a uma situação humana. E construído para responder às necessidades, às ideias «aos usos da época». E isto em

qualquer época histórica, acentuando-se porém com o advento do capitalismo. Atentemos: «os pensamentos da classe dominante constituem em todas as épocas os pensamentos predominantes, quer dizer, a classe que constitui o poder material dominante da sociedade constitui ao mesmo tempo o seu poder intelectual dominante... Os pensamentos predominantes não são outra coisa que a expressão ideal das relações materiais predominantes compreendidas em pensamentos» (K. Marx). É por isso que a defesa da educação como sendo independente das ideologias políticas é uma grosseira mistificação que mais não pretende do que «apresentar as ideias que defendem interesses da classe dominante como interesses acima das classes, como ideias úteis para todos» (B. Suchodolski). Educar será, pois, comprometer-se independentemente de termos ou não consciência desse compromisso. Nesta ordem de ideias, e até por questões de honestidade profissional e consciência pessoal, é necessário assumir cons-

cientemente o compromisso. E este só será válido se nos leva à «situar-nos resolutamente a tarefa educativa ao lado das forças produtivas e virmos nos limites postos aos educadores a limitação que as relações de produção actuais impõem ao desenvolvimento das forças produtivas» (Brossard). Como consequência destes enunciados «duas tarefas, estreitamente unidas se apresentam à pedagogia: deve revelar por um lado a condição classista da actividade educadora, do carácter da escola e das teorias pedagógicas que a classe dominante desenvolve e organiza e, por outro lado, deve colaborar para precisar as necessidades vinculadas com o movimento revolucionário da classe oprimida e os métodos de educação» (Suchodolski). Logo, as tarefas de educação constituem uma das frentes de luta pela abolição da exploração do homem pelo homem e surgirão tanto mais correctamente perspectivadas quanto mais unidas estiverem à luta de classes do trabalhador. Se queremos ser lúcidos, enfrentar a realidade dos factos tal qual se apresentam, sem falsas posições mistifi-

cadoras, acabaremos por consciencializar o duplo significado da palavra educação na sociedade burguesa, que é (ainda) aquela em que estamos inseridos: «educação como processo de adaptação às relações existentes, adaptação que assegura aos filhos da classe dominante as vantagens e privilégios da sua classe e adapta os filhos da classe oprimida às condições de exploração da sua existência. E educação como arma na luta contra a opressão, como instrumento moral e intelectual da jovem geração da classe oprimida — e também de todo o jovem de outra classe que se coloca ao lado da revolução — como base de organização do movimento socialista actual para o futuro socialista» (Suchodolski, Teoria Marxista de la Education). As posições são claras, a opção também terá de ser.
★ Artigo elaborado a partir do livro «Educação, Acto Político, de A. Reis Monteiro, Edições Q Professor.

escola viva

PÁGINA MENSAL SOBRE EDUCAÇÃO

Educação e revolução

«O processo social que se inaugura com o triunfo do povo, irá dando forma a uma nova cultura orientada para uma concepção do trabalho humano como o mais alto valor, para a expressão da vontade da afirmação e independência nacional e para a formação de uma visão crítica da realidade.» O Governo de Unidade Popular Chileno encarava assim o paralelismo existente entre a revolução social e a revolução cultural. Se é certo que nenhuma destas transformações deverá ir a reboque da outra, não é menos certo que, no plano da revolução das mentalidades, base fundamental para ambas, a tarefa dos intelectuais se poderá classificar como sendo de vanguarda.

Na sessão de encerramento do Congresso dos Escritores Portugueses, o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves pôs a tónica da sua intervenção neste ponto: os intelectuais devem ir para o lado da Revolução. E por demais evidente a justeza desta afirmação. A Revolução, particularmente a Revolução Portuguesa, tem de ser feita a todos os níveis; daqui se infere que os intelectuais terão de deixar o seu papel de observadores, se bem que na sua esmagadora maioria apoiem a Revolução, e integrar-se nela, fomentá-la, serem numa palavra a Revolução!

É certo que muitos deles ainda estão num período de reconversão de valores, de cicatrização de feridas do fascismo, recompondo-se para a nova caminhada que os espera e que, infelizmente, e até certo ponto, não tem sido tão rápida quanto o desejaríamos por culpa deles mesmos. Todavia, parece-nos ser já tempo da arrancada decisiva, do esbater de tibiezas, nércias e neste ponto, vislumbramos que o referido Congresso, se bem que respeitante apenas a uma parte dos intelectuais, foi o tiro de partida para essa arrancada!

Concretamente, no sector educacional, aquele que mais de perto nos diz respeito, a questão põe-se nos seguintes termos:

1 — Professores que já antes do 25 de Abril de 1974 lutavam contra o ensino tendente a marcar mais fundamentalmente a diferenciação de classes procurando formas educativas justas dentro dos exíguos limites de que dispunham, continuaram post-25 de Abril a sua luta, alargada de perspectivas e já não espartilhada.

2 — Outros, que antes da Revolução tinham uma posição neutra, limitando-se a despejar as suas doses de «eloquência» para alunos que mais não eram do que recipientes de pseudo-cultura, continuam como dantes, muito embora, em certos casos, tenham dado um tom «democrático» aos seus «despejos culturais».

3 — Finalmente, aqueles que pactuavam activamente com o «status salazar-marcelista» tentam travar o processo por todas as formas ao seu alcance, desde conceitos contra-revolucionários injectados aos alunos, até tentativas (algumas bem sucedidas) de boicote à organização sindical, etc.

Do exposto poder-se-á concluir que os primeiros deverão continuar no caminho que de há muito vêm trilhando, procurando, no entanto, e em certos casos, «descer à terra», saber para quem trabalham, conhecer mais de perto os que deles culturalmente dependem, integrar-se numa cultura que deverá ser popular, num ensino virado para as realidades concretas e não para arquétipos esteticamente perfeitos, mas praticamente pouco mais que nulos.

Os segundos, os «neutros», poder-se-ão considerar como os casos mais bichudos! São os que não actuam por não terem bases para tal, melhor, por não as quererem criar. Por outro lado, a sua inércia não é, ao contrário do que se poderia pensar, inocua! Ela é um travão àqueles que, de facto, querem progredir. Já vai sendo tempo destes elementos se convencerem que a Educação não se faz por decreto, que as soluções não vêm de cima, que a inacção é prejudicial (e muito!) a todo o País. Serão todos os professores que terão de procurar as soluções para os vários casos que se lhes depa-ram — soluções originais, maleáveis, personalizadas para cada caso e nunca padronizadas.

Finalmente os terceiros, os contra-revolucionários, terão de ser isolados, denunciados e publicamente desmascarados. Eles são, presentemente, os focos cancerosos que tentam a todo o custo minar o corpo debilitado do Ensino, em última análise, o corpo debilitado do País. Por isso, não se poderão ter contemplos!

Em relação a todos, eles próprios terão de ultrapassar os seus limites (em todos existentes, nuns mais do que noutros) e nunca esperar que essas limitações desapareçam gradualmente, o que, a verificar-se seria demasiado moroso.

A questão põe-se, finalmente, nestes termos: equacionando as forças em presença, debruçando-nos sobre a problemática do Ensino em Portugal, vemos que a única solução é o Ensino ao serviço da Revolução Portuguesa, a todos os níveis, em toços os campos. Se assim não for, estaremos a construir um edifício começando pelo telhado, mantendo, comodamente, os alicerces em estado de putrefacção. Por isso, vamos construí-los solidamente e para o futuro. Doutra modo, a casa desmorona-se!

N. B.

ANGOLA — O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO E O IMPERIALISMO

O processo de descolonização desencadeado com o 25 de Abril de 1974, provocou em certas camadas da população nacional um temor, um descontentamento. Uns, usufruidores directos dos benefícios que lhes advieram da exploração do trabalhador português e africano, sentindo o afastar da fonte de volumosos lucros, vendo a crescente força das massas trabalhadoras e o seu importante papel no desencadear dum processo revolucionário que indica querer dirigir-se para uma sociedade socialista, onde os interesses dum minoria nunca mais prevalecerão sobre os interesses da colectividade, lançam sete ventos, vozes de pânico, campanhas anticomunistas, tentando semear a confusão numa sociedade que se quer libertar do jugo capitalista. Outros, influenciados por uma política de obscurantismo, de incentivação de analfabetismo de ignorância, temem as mudanças que se verificam. Não é porque lhes vão subtrair os seus lucros, porque nunca os tiveram. Não é porque lhes vão tirar o lugar de seres privilegiados, porque nunca foram. Antes pelo contrário, o seu suor encheu os cofres dos monopolistas e dos latifundiários, a sua posição na sociedade foi sempre de marginalizados. Vivendo em condições habitacionais miseráveis. Sem assistência médica, sem cultura, recebendo magros salários, não podendo intervir na vida dum sociedade que é deles, que lhes diz respeito.

É neste quadro, genericamente delineado, que poderemos enquadrar o problema de Angola. Angola submetida pelo Governo de Salazar e Caetano ao serviço dos monopólios nacionais e estrangeiros. Angola dominada, explorada, pelo imperialismo. O MFA, apoiado no descontentamento do povo e na luta antifascista de camadas trabalhadoras (e não só) mais esclarecidas derruba o Governo fascista. E inicia-se o processo de descolonização.

Um país que pretende ser livre, que pretende soltar-se do imperialismo, não pode continuar a explorar outros povos. Não pode continuar a dominar nações inteiras. Se queremos libertar-nos das garras imperialistas, não poderemos continuar a servi-las, explorando homens que têm direito a ser livres, a construir o seu país, como nós próprios, portugueses, o pretendemos também.

É claro que no processo revolucionário em curso, certos atritos têm surgido. São os reaccionários que pretendem retomar o poder, tentando, para isso, criar a imagem dum país onde reinaria a violência, a desordem. Forjando greves nos liceus, nas universidades. Infiltrando-se e criando partidos políticos que, mascarados de democratas, de cravo vermelho ao peito, com palavras bonitas, sorrisos seráficos, afirmando-se defensores dum política social, apenas desejam a exploração, o obscurantismo. Tentando dividir os trabalhadores. Tentando, em resumo, voltar ao 24 de Abril de 1974! E as pessoas vão-se apercebendo, lentamente, destes factos. O 28 de Setembro e o 11 de Março são provas concludentes dos desejos da reacção e da firme vontade do povo de avançar na construção da liberdade.

Em Angola passa-se o mesmo! De forma sangrenta, violenta, é verdade. Como é apanágio do imperialismo. Angola é um território vastíssimo, rico. Mas as riquezas deverão pertencer àqueles que as construíram com o seu suor. Deve pertencer aos seus naturais. Sujeta a violenta exploração, a sua estrutura económica está minada pelo capitalismo. Conseguindo mão-de-obra baratíssima, devido ao atraso de vastas camadas da população, as potências imperialistas europeias comandadas pela América do Norte, pretende implantar nessas regiões ramos

(Conclui na página 6)

MINI - INQUÉRITO

Para o MINI-INQUÉRITO desta semana escolhemos um assunto que tem sido muitíssimo discutido e que tem impressionado o Povo Português, mormente nos últimos dias: a actual situação em Angola.

Eis a pergunta formulada: «O que pensa acerca dos graves acontecimentos que se têm passado em Angola?»

Angelo Manero Lemos, militar, respondeu-nos:

«Sobre Angola, creio que a situação está absolutamente caótica, e a guerra civil está iminente. Por detrás de tudo está a mão da CIA e todo o imperialismo americano através de Mobutu, que está apoiando a FNLA. Acerca da UNITA, creio que, aproveitando-se das grandes confrontações havidas entre o FNLA e o MPLA, tentarão aparecer num plano superior e, além de estarem portanto interessados na luta entre os anteriores dois partidos, creio estarem também dominados pelo imperialismo americano.»

Por nós interpelado, Marçal Duarte, empregado bancário, declarou-nos:

«Sobre estes acontecimentos em Angola, tenho a minha ideia de que há qualquer coisa que ainda não está bem clarificada para muitas pessoas, que são as facções do MPLA e do FNLA, conjuntamente com a UNITA. Por aquilo que temos tido conhecimento pela nossa imprensa, neste momento, creio que será muito difícil ajuizar a actual situação angolana, embora qualquer um de nós o possa fazer com todos os defeitos das conclusões que tire e fortes controvérsias que lhe possam vir das declarações de pessoas que a cada momento chegam do Ultramar. Quero dizer, dá-me a impressão que tanto a imprensa nacional como as pessoas que vêm de lá estarão traumatizadas por uma ideia fixa, que talvez não corresponda totalmente à verdade daquilo que se lá passa. Temos que ter em consideração as pessoas que escrevem nos jornais, as opiniões dos responsáveis pelo momento da Revolução que focam pontos de vista, dão-nos a conhecer factos que lá se passam, enfim, dos seus esforços para que, como já tive a oportunidade de ler em certas revistas como na «Vida Mundial», aquilo não seja um II Vietname.»

Agora o que de facto esperamos e acreditamos, é que o Governo vai tentar (e conseguir, com certeza) levar as coisas pelo melhor caminho. Por outro lado, concretamente é difícil saber os «porquês» das ideias controversas das notícias que nos chegam pela imprensa, e aquelas que nos declaram os que vêm de lá.

Acredito nas pessoas, acredito naqueles que cá estão, estou inteiramente de acordo com o processo revolucionário. Por outro lado, não há dúvidas nenhuma que também teremos que auscultar e analisar as opiniões de pessoas que chegam até nós, e não acreditamos que todas aquelas que sejam «corridas» do Ultramar, estivessem envolvidas em processos fascistas, ou sejam reaccionárias. Temos que acreditar que muitos dos portugueses que lá estão têm confiança como nós no nosso processo revolucionário, no nosso Governo Provisório, no MFA, inclusivamente no bom entendimento e na melhor maneira de conduzir as coisas dentro dos partidos da coligação.

(Continua na página 9)

Poema para uma criada de côr pouco importante

Aos 13 anos servias teus patrões e foste menina na cozinha, no curral, no galinheiro. Descobrias que há criada e há patrão, sabias apenas a manhã constante dum dia de servidão.

Aos 20 eras a certeza de um futuro feito trabalho diário, garantia incerta do dia seguinte. Não pensavas na cor, e a cor não interessa.

Aos 25 sonhaste um dia novo porque te nasceu uma filha. Sorriste ao futuro e trabalhaste o dobro.

Aos 30 pensaste na filha: «criada não!» E foste para África.

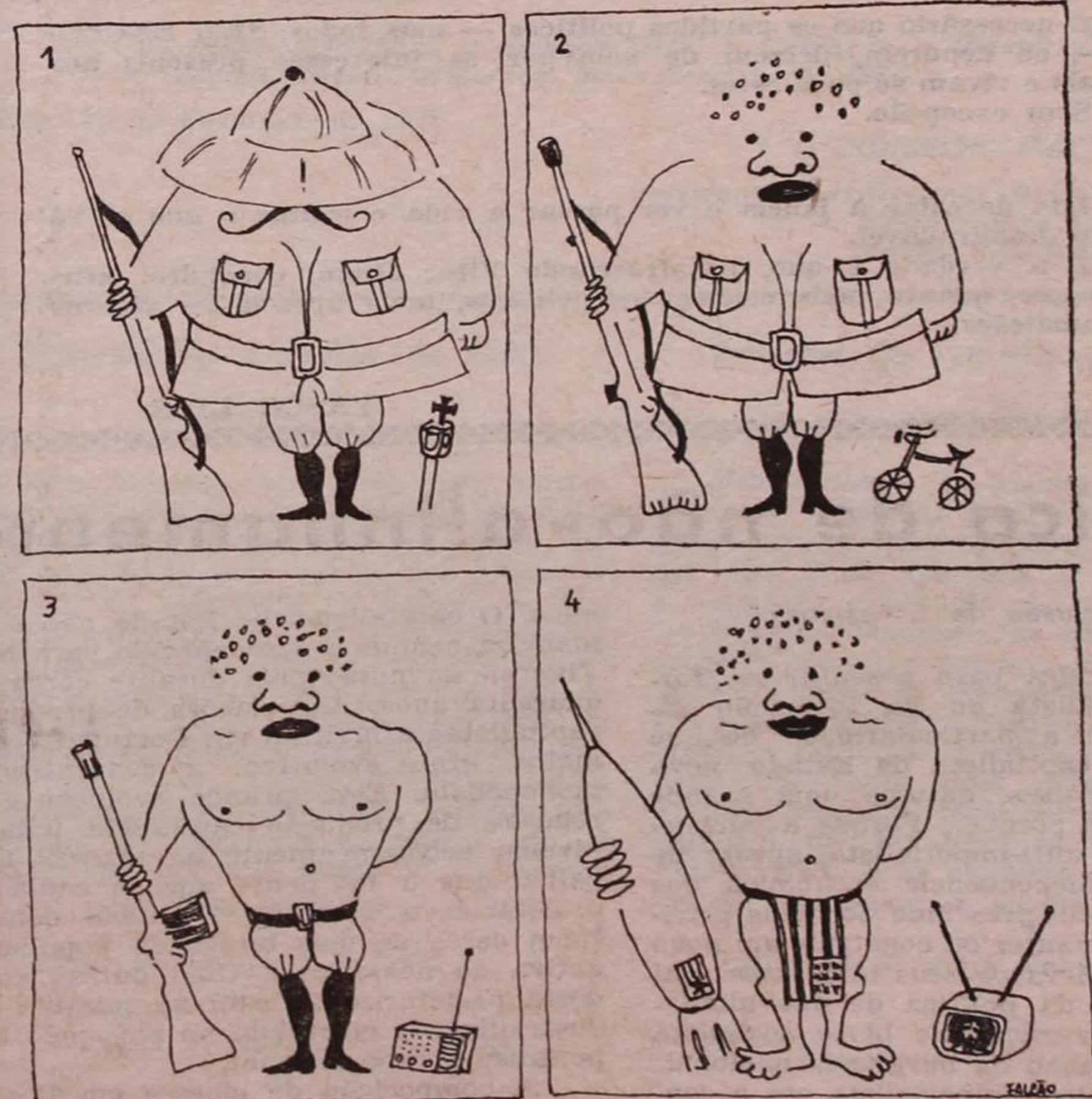
Em casa de patrão trabalho no duro. Patrão era peste, o preto sofria, criada era branca, criada sofria. Pensavas e dizias: criada não conta e a cor da pele não é problema de monta. Aprendeste, sabias agora verdades mais fundas.

De novo na pátria de novo o trabalho, 30 anos passaram e foram depressa mal tempo tiveste de olhar para o lado de perguntar a ti própria o que é que se passa.

Algo aprendeu, a custo o confessa: a cor não interessa.

A. S.

Os bonecos do Falcão



ANGOLA — DES-COLONIZAÇÃO

FIM DE SEMANA • 104

(Conclusão da pág. 2)

Ora não nos opomos às greves, nem negamos que muitas reivindicações dos trabalhadores são justas.

Simplesmente o estado económico do país não permite nem paragens de trabalho, nem que se exija o que o patronato não pode de momento pagar.

Estamos em plena batalha de produção. Ou se ganha, o país salva-se e a classe proletária vence, ou se perde, e a classe trabalhadora e o país perdem tudo o que ganharam depois do 25 de Abril.

Como bem disse Vasco Gonçalves, só há duas opções: revolução ou reacção; e, como ainda disse, a economia do país não permite mais encontrões.

Toda a greve neste momento é acto contra-revolucionário e de sabotagem económica, ainda que não intencionalmente.

Exemplo flagrante o dos trabalhadores da indústria hoteleira, que deve ter prejudicado irremediavelmente o nosso turismo para este ano, se tivermos em conta especial que ao tempo decorria no Algarve um encontro de agentes de viagens estrangeiros aqui chamados para os interessar na formação de excursões a Portugal.

Há outras formas de luta; e sobretudo há que esperar a oportunidade, que não é esta.

14.

Dentre as greves, a mais lamentável é a dos trabalhadores das Câmaras Municipais.

Escusam de afirmar que não é uma greve política, porque é o mesmo.

Nem se fala ao nível de partidos políticos. Basta ser uma luta dos serventuários contra a administração para ser política.

Logo, se é um acto de sabotagem económica, na medida, em que dificulta o desenvolvimento de batalha de produção, é um acto subversivo contra o poder constituído; é um acto contra a saúde pública (caso da remoção do lixo). Mas, se pensarmos que os funcionários administrativos recebem dos fundos públicos certas quantias como ordenados com a obrigação de contraprestação de trabalho, e se querem, enquanto em greve, receber esse ordenado sem trabalho, talvez passe a haver uma apropriação dos dinheiros públicos próxima do peculado.

15.

De quem, afinal, a culpa dos incidentes que desde 1 de Maio agitam o país?

Em grande parte, da Intersindical, talvez do P.C. e do P.S.; porque, se a versão dos incidentes do 1.º de Maio dada pelo P.S. é inteiramente verdadeira, a responsabilidade de grande partido que é impunha que calmamente exigisse um inquérito (que está em curso, mas ordenado pelo Conselho da Revolução, apenas o P.S. tendo insistido nele — palavras do Dr. Mário Soares e denunciadas publicamente em comunicado o seu protesto — e agravo. Nada de histeria. Portanto, tudo deve vir já de trás.

Mas só deles? Não — de todos sem excepção. Todos perderam a cabeça. O P.P.D. aproveitou o ensejo para exibir o seu triunfalismo de um milhão e quinhentos mil eleitores — e fez muito bem, já que o P.S. o fazia. A extrema esquerda aproveitou para vir para a rua lançar a confusão e atacar directamente o M.F.A.

E a reacção a manejá-los todos, metida dentro deles, sem que lastimavelmente dessem fé de que estavam a ser manobrados inconscientemente.

A verdade é que todos os partidos se organismos têm acumulado erros sobre erros e agravado a situação do País.

16.

Se querem salvar o País, construir uma sociedade socialista, vencer a luta económica, é preciso unidade das forças políticas em torno do M.F.A.

É necessário que os partidos políticos — mas todos, SEM EXCEPÇÃO —, se depurem, deixem de sobrepor os interesses pessoais aos nacionais e vivam só para estes.

Sem excepção.

17.

Isto de estar à janela e ver passar a vida e contar o que se vê é muito desagradável.

E a verdade é que, parafraseando Vitor Hugo, concluirei afirmando que, quanto mais conheço os políticos, mais aprecio as víboras e os camaleões.

11/5/75

VASCO LUIS

Política de não-alinhamento

(Conclusão da 1.ª página)

diversos sentidos para assentar na formação capitalista ou na formação socialista. Com a particularidade de que a estrutura capitalista de Estado, nova para estes países, assume uma grande importância. E porquê? Porque a burguesia nacional, anti-imperialista, apesar de lutar pela independência económica dos seus países, não prescindiu dos seus privilégios, tenta manter ou construir um novo sistema que sirva os seus interesses. Daí o nascimento da política de não alinhamento. A integração no bloco socialista seria a liquidação da burguesia nacional; alinhar pelo bloco imperialista era a condenação ao jugo e à obediência, o auferir de lucros reduzidos. Além disto, na nova etapa do desenvolvimento dos estados emergentes surge uma outra contradição básica: entre o atraso económico, que é resultado da prolongada exploração colonial, e a necessidade dum rápido desenvolvimento socio-económico, necessidade que os atrai cada vez mais para as opções socialistas.

Passemos à análise da situação portuguesa. A etapa actual das relações de produção em Portugal traduz uma situação totalmente diferente da existente nos países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo. Única semelhança: o atraso econó-

mico. O capitalismo de Estado não é de maneira nenhuma desconhecido para nós. Vigorou no nosso país durante cerca de quarenta anos. As relações de produção capitalistas atingiram em Portugal o seu maior grau evolutivo: a concentração monopolista. Esta grande evolução das relações de produção capitalista uniu e nivelou economicamente as massas trabalhadoras a tal ponto que as camadas proletárias e semiproletarizadas constituem cerca de dois terços da população activa do nosso país. Uma outra causa desta proletarização está na relativa industrialização efectuada no país pelo imperialismo internacional.

A composição de classes em Portugal teve como efeito imediato o papel de dirigente assumido pela classe operária na revolução democrática iniciada em 25 de Abril. A hegemonia do proletariado português no processo histórico em curso transformou a revolução democrática-burguesa em revolução democrática-nacional, fazendo desta um passo intermédio para a revolução socialista, instauração de um regime onde a classe operária e os seus aliados naturais ditarão as grandes linhas de actuação do nosso país. A política internacional será definida por ela e nós cremos que não se limitará a uma política de não alinhamento.

J. M.

O TURISMO...

(Continuação da 1.ª pág.)

que essas outras organizações caríssimas. Será possivelmente realizada no Parque.

P.M. — Fazendo a Feira Popular no Parque, não correremos o risco de eliminar a única zona verde de Espinho, onde se pode passar algum tempo livre tranquilamente?

A.M. — De facto, não nos parece que possamos dispor, pelo menos até agora, de um outro local. Além disso, pode-se constatar que, infelizmente, o Parque não é utilizado, por razões que só os urbanistas poderão apontar.

D.E. — Para além do turismo externo, parece-nos que o turismo interno, sob pena de ser totalmente improdutivo, deveria ser orientado preferencialmente para as classes produtoras. Gostaríamos de pôr a questão seguinte: o que é que de concreto se poderá fazer nesse sentido em Espinho e a nível nacional?

A.B. — Se bem percebi a pergunta, põe-se a questão do que em Espinho as entidades públicas e privadas farão ou estão a fazer nesse aspecto. Quanto ao sector privado, pela sua própria definição, estará evidentemente interessado no lucro pelo que terá de ser necessariamente o sector público a velar por esse problema. Está-se a construir uma Revolução de carácter popular e por isso serão os órgãos estatais e não-estatais que deverão reflectir a sua acção nesse sentido. No que diz respeito às Câmaras, todos sabemos que não há dinheiro, mas apesar disso todo o seu equipamento tem estado à disposição das camadas populares. Com a própria Piscina isso tem acontecido. Porém, e no nosso caso, do tanque da Piscina tem de se tirar uma rentabilidade mínima para, pelo menos, se permitir a conservação das instalações. A partir daí, a Câmara de Espinho fará tudo o que estiver ao seu alcance. Para além de estarmos a pensar num campo de jogos encaramos no momento seriamente a compra de um terreno para a instalação de um Parque de Campismo de utilidade pública. No que diz respeito ao actual temo-lo posto à disposição das crianças da escola para aí praticarem algumas actividades desportivas o que como é evidente não poderá ter continuidade no Verão. O novo Parque de Campismo ficará situado provavelmente na freguesia de Anta, onde se poderá assegurar a conservação de uma vasta massa arbórea, tão escassa no nosso concelho. Este projecto já foi há longo tempo aprovado superiormente e foi incompreensivelmente abandonado pela Câmara anterior. O argumento de que este projecto poderia colidir com a proposta da Solverde, onde constavam Parques de Campismo, não tem qualquer fundamento, pois a aprovação do projecto foi mesmo assim confirmada.

D.E. — De facto, todas essas soluções são de considerar e poderão dar um contributo válido nesse projecto. Mas um outro problema se levanta quanto aos reflexos locais junto das populações. Concretamente, estamos-nos a lembrar dos casos do Algarve e da Madeira, onde o desenvolvi-

to da indústria turística provocou uma subida de preços, com prejuízo evidente no poder de compra dos trabalhadores algarvios ou madeirenses. A criação de novos postos de trabalho com o desenvolvimento dessa indústria não nos parece muito significativa, tanto mais que muitos dos lugares especializados eram preenchidos por estrangeiros recrutados para o efeito pelas multinacionais hoteleiras.

A.M. — O afluxo de turistas provoca necessariamente uma certa subida de preços. E se esse turismo é elitista o problema agrava-se. Mas mesmo que sejam os trabalhadores que constituam a maior parte desses visitantes, o problema subsiste. E se na actual situação a opção é o mesmo o turismo, esse é um mal inevitável, só evitável pela total reformulação das actuais relações de produção. Mas esse é um problema que ultrapassa o âmbito desta discussão.

A.B. — A intervenção do Estado pode ter um papel importante na orientação do turismo, isto se os capitais acumulados pela exploração da actividade turística forem por ele, Estado, postos ao serviço de um turismo para as classes trabalhadoras. Ao contrário do que fez o estado fascista, que subsidiava a baixos juros empréstimos como o Hotel Praia Golfe, quando o pequeno industrial via mesmo recusados empréstimos de muito menor importância. Com um Estado ao serviço do Povo, todos esses capitais deverão ser encaminhados para o sector público em detrimento do sector privado.

S.A. — Ainda acerca da subida de preços, parece-me que a solução estaria na criação de mercados abastecedores destinados às unidades hoteleiras. E só assim se compreenderá que seja possível o actual projecto chamado «Faça Férias Portuguesas» onde os preços praticados serão consideravelmente mais baixos tornando-se mesmo acessíveis a grande parte das massas trabalhadoras. Sem essa premissa não sei em que situação ficarão os trabalhadores hoteleiros, pois considero que sem importantes revisões esses preços desejados serão impraticáveis.

Outros pontos foram ainda abordados sobre este momentoso assunto, mas julgamos que o registo aqui feito, mesmo sem soluções definitivas, dará uma visão suficientemente multifacetada da actividade turística. Cumpriu-se ao fim e ao cabo o que nos levou a promover esta mesa redonda: que os problemas fossem levantados.

D. E.

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO

Excursão ao Brasil

Nos dias 26 de Junho e 26 de Julho
Trata:

«AGÊNCIA SEGURADORA»
de J. Correia Leite
Telef. 967850 e 967109
Paços de Brandão

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335 (ângulo da Rua 11)
Telef. 921423 — ESPINHO

ANGOLA

(Conclusão da pág. 5)

da indústria donde advenham maiores lucros do que nos seus próprios países. É esta a característica fundamental das relações entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos. O MPLA pretende libertar o povo angolano desta dominação. Aqui, aparecem outros movimentos de libertação como a FNLA e a UNITA, ao serviço do grande capital, desencadeando ondas de violência e de morte.

Não podemos ficar alheados destes acontecimentos, destas realidades. A nossa libertação passa pela libertação de Angola. Se os dominamos, se fomos causadores, ainda que involuntários, da situação que atravessa, não podemos lavar daí as nossas mãos à boa maneira de Pilatos. O povo português e o povo angolano atravessam momentos difíceis, ainda que em condições distintas, devido a terem sido objecto da dominação monopolista. Em conjunto, Portugal e Angola, devem libertar-se dessa opressão, dessa dominação a caminho duma sociedade mais justa. A caminho da liberdade. Do socialismo.

M. G.

Espinho - Praia, S. A. R. L.

SEDE: Rua do Crucifixo, 116 - 2.º Esq. — Lisboa 2

SUCURSAL: ESPINHO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

REFERENTE À GESTÃO DE 1974

Senhores Accionistas:

Ao iniciarmos este nosso relatório queremos salientar o facto da nossa sociedade se encontrar há bastantes anos, precisamente desde Julho de 1958, sem qualquer actividade, o que muito tem contribuído para os prejuizos que têm aumentado de ano para ano e que atingem a verba de 2.513.250\$58 no Balanço Geral de 31 de Dezembro de 1974, dado que o pequeno rendimento obtido no nosso prédio de Espinho é insuficiente para suprir as despesas da sociedade ainda que reduzidas ao mínimo possível.

O financiamento feito à sociedade por dois dos membros deste conselho de administração, agora mais uma vez prorrogado até 7 de Fevereiro do próximo ano, e a desinteressada colaboração da firma Crespo & Borges, Lda., do Porto, têm permitido à Espinho-Praia subsistir sem cair na falência.

Relativamente ao nosso prédio urbano de Espinho, onde funcionou o Palácio Hotel, para o qual nunca apareceu um comprador interessado (o que é aparentemente de estranhar dada a sua situação privilegiada no centro principal da cidade), antes de darmos conhecimento das ocorrências no último ano e da situação de impasse a que fomos compelidos a chegar, parece-nos oportuno recapitular as diligências que foram efectuadas:

Ainda muito antes do 25 de Abril tentou este conselho de administração aprovar para o local um novo projecto de construção com volume e características condignas. No entanto, os quatro anteprojectos que sucessivamente apresentamos na C. M. E., data a entrada do primeiro de 19 de Maio de 1970, os três últimos corrigidos conforme as indicações camarárias, de um modo geral verbais, que íamos recebendo, foram todos reprovados!

E porque, entretanto, fomos notificados pela Câmara Municipal de Espinho que foi posteriormente saneada para procedermos a obras e pintura exteriores, no edifício, que montavam a muitas centenas de contos (orçadas pela C.M.E. em cerca de setecentos contos, segundo nos informou verbalmente quem era ao tempo seu presidente), tratamos de mandar executar um projecto de adaptações para o edifício que justificasse economicamente as obras impostas.

Por ofício da C.M.E. de 27-8-1973 foi-nos comunicado que o projecto-estudo de obras de remodelação e adaptação no edifício *fora aprovado*. Vinha aquele ofício acompanhado do parecer do Arquitecto Urbanista sobre o projecto, parecer este que não sendo inteiramente consentâneo com a aprovação a deixava, de certo modo, pendente de factores locais que existiam e que eram necessariamente do conhecimento da dita Câmara. De resto não nos competia, julgar a deliberação, da Câmara Municipal, muito menos quando sabíamos que aquele projecto-estudo, feito por técnico competente, beneficiava notavelmente o local, uma vez que a C.M.E., ao notificar-nos das obras, *decidia manter o aspecto do mesmo local* pondo de lado qualquer renovação urbanística.

Tratámos portanto de mandar proceder à execução do projecto de obras definitivo, o qual deu entrada na C.M.E. no dia 27-5-1974. Por ofício do Presidente da Comissão Administrativa daquela Câmara Municipal datado de 22-7-1974 fomos informados que a Câmara Municipal, em sua reunião de 22-8-1973, o que aprovara não tinha sido o projecto mas sim o parecer do Arquitecto Urbanista e que, entretanto, a nova concessionária da zona de jogo «SOLVERDE» entregara naquela Câmara um plano de renovação urbanística da zona onde se situa o nosso edifício que se integra nas realizações que, por força do contrato que celebrou com o Estado, aquela empresa terá que levar a efeito.

Por um lado, não querendo fazer comentários ao comportamento da C.M.E. anteriormente ao 25 de Abril nem aos interesses de particulares que podiam ter estado envolvidos, lamentamos que tenha sido possível, depois de um projecto, pelos vistos, ter sido aprovado, comunicarem-nos a sua aprovação, o que nos levou a despesas inúteis que somente contribuiram para enfraquecer ainda mais as nossas finanças já tão depauperadas. Por outro lado estranhámos não termos ainda sido abordados pela actual concessionária do jogo em Espinho com vistas à obtenção do nosso prédio, pois não nos parece que seja justo ou que seja possível, no momento actual, ficarmos, acumulando prejuizos, indefinida e inteiramente à mercê das conveniências da dita concessionária.

Tudo fizemos para valorizar o património da nossa sociedade e contribuir, ao mesmo tempo, para o progresso urbanístico de Espinho, num dos seus locais de mais representação, e se mais não conseguimos não foi à falta de boa vontade, trabalho e persistência, o que estamos certos dos nossos Accionistas reconhecerem.

Antes de terminarmos queremos deixar aqui bem expresso o nosso agradecimento a todos os que nos têm ajudado, incluindo aos membros do nosso Conselho Fiscal pela colaboração que nunca nos negaram.

Concluindo, temos a honra de propor:

— Que sejam submetidos à votação o Balanço Geral de 31 de Dezembro de 1974 e as Contas do mesmo exercício.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1975.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: João Maria Coelho
Evaristo Afonso Borges
Jerónimo Armando Moniz Crespo

BALANÇO GERAL

ACTIVO:

Palácio — Hotel	4.001.010\$00
Só o imóvel	
Sucursal	185.739\$42
Saldo desta conta	
Ganhos e Perdas	2.513.250\$58
Saldo desta conta	
	6.700.000\$00
PASSIVO:	
Capital	5.500.000\$00
Representado por 5.000 acções nominativas	
Letras a Pagar	1.200.000\$00
Saldo desta conta	
	6.700.000\$00

Lisboa, 31 de Dezembro de 1974.

O Técnico de Contas
Artur Afonso Borges

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: João Maria Coelho
Evaristo Afonso Borges
Jerónimo Armando Moniz Crespo

SUCURSAL

BALANCETE DESTA CONTA — 31 DE DEZEMBRO DE 1974

ACTIVO:

Bancos	1.000\$00
Devedores e Credores	11.403\$16
Saldos devedores	267.957\$10
Empreendimento Imobiliário	
	280.360\$26

PASSIVO:

Devedores e Credores	87.320\$84
Saldos Credores	
Rendas adiantadas	7.300\$00
Saldo para 1975	185.739\$42
Saldo que figura no Balanço Geral	
	280.360\$26

GANHOS E PERDAS — DESENVOLVIMENTO DESTA CONTA — 1974

DÉBITO:

1/1/1974 — Saldo de 1973	2.370.872\$08
31/12/1974:	
Pagamento do Imposto Capitais juros receb.	156\$20
Despesas Gerais:	
Contribuições e Impostos	39.003\$00
Ordenados e Honorários	23.400\$00
Juros	120.000\$00
Rendas	1.800\$00
Telefones	20.574\$40
Diversos	25.819\$20
	230.596\$60
	2.601.624\$88

CRÉDITO:

31/12/74:	
Rendas dos estabelecimentos	87.600\$00
Juros apurados em conta corrente com Crespo & Borges, Lda.	774\$30
Saldo desta conta que se transfere para o exercício de 1975	2.513.250\$58
	2.601.624\$88

Lisboa, 31 de Dezembro de 1974

O Técnico de Contas
Artur Afonso Borges

PARECER DO CONSELHO FISCAL REFERENTE À GESTÃO DE 1974

No cumprimento dos deveres que lhe são atribuídos, o vosso Conselho Fiscal examinou e conferiu a escrituração da «Espinho-Praia», podendo assim emitir parecer seguro sobre o Balanço Geral e Contas respeitantes ao exercício de 1974, a que dá o seu pleno acordo.

Relativamente ao Relatório do Conselho de Administração da gestão de 1974, que lemos atentamente, porque ele revela bem a situação económica da empresa e relata sem qualquer exagero, embora muito sucintamente, as diligências que acompanhámos feitas para a aprovação de um projecto para o local do nosso prédio urbano de Espinho, declaramo-nos também inteiramente de acordo com aquele documento.

Concluimos, propomos:

— Que sejam aprovados o Balanço Geral e Contas e o Relatório do Conselho de Administração referentes ao exercício de 1974.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1975.

O CONSELHO FISCAL

Presidente: Luis Gonzaga da Gama Sepúlveda
Mário Rocha Trindade Rato
Arlindo Marques Novo

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é executante a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e setenta e seis* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,
a) Nuno de Albuquerque e Sousa

O Escriurário,
a) Adérito Madureira

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é executante a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número *quinhentos e setenta e cinco* do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,
a) Nuno de Albuquerque e Sousa

O Escriurário,
a) Adérito Madureira

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Vendem-se em Espinho

Por motivo de partilhas, talhões de terreno para construção, junto à estrada do Golf, com loteamento aprovado

— Trata Telefone 921422 ou José Oliveira — Telefone 920093 —

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA
BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943 — ESPINHO — Telefone, 921412

OUIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos Sábados à Noite

Aos domingos — Matiné

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

VENDEM-SE EM ESPINHO

Prédio no ângulo das ruas 14 e 35 (com 2 habitações e águas furtadas, armazém, garagem e terreno para outra construção)

Prédio na rua 19 e frente para a rua 21 (com três pavimentos, onde está instalada a casa Sobral)

Dois talhões de terrenos para construção na zona do Colégio Feminino de Espinho na Rua 33

Informa P. F. Joaquim J. M. Ribeiro — Rua 19 N.º 192 Sala C-1.º — ESPINHO

ANDAR

Vende-se em prédio novo com quatro assoalhados, quarto de arrumos, dois quartos de banho, cozinha com móveis e garagem
Rua 25 n.º 687-1.º Espinho
Isento de Sisa. Trata pelo Telefone 920 502 das 9 às 19 horas

VENDE-SE

APARTAMENTO

com 3 quartos, 2 quartos de banho, sala comum, garagem, etc.
Rua 25 n.º 679 — ESPINHO

Falar na
Rua 7 n.º 475 — 2.º — Telef. 920385

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número duzentos e trinta e quatro do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) Nuno de Albuquerque e Sousa

O Escriurário,

a) Adérito Madureira

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número quinhentos e sessenta e seis do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) Nuno de Albuquerque e Sousa

O Escriurário,

a) Adérito Madureira

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem

oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS

RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645 ESPINHO

Prédio — vende-se

Na Rua 2 N.º 673 rés-do-chão e 1.º andar

Informa Manuel Alves Pereira

R. 4, 1128 - Telef. 920839

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Tribunal do Trabalho da Feira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária, em que é exequente a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, com sede no Porto, e executado Fernando Pereira, residente em Santa Cruz, Silvalde-Espinho, e cuja execução corre seus termos pelo Tribunal do Trabalho da Feira, sob o número quinhentos e setenta e sete do ano de mil novecentos e setenta e três.

Feira, 28 de Abril de 1975.

O Juiz,

a) Nuno de Albuquerque e Sousa

O Escriurário,

a) Adérito Madureira

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico que, por escritura de hoje, lavrada neste cartório de folhas 88 verso a 90 do livro de notas para escrituras diversas B-40, ANTÓNIO DOMINGUES DA CRUZ e ANTÓNIO ALMEIDA DA CRUZ constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que passa a reger-se pelas condições seguintes: PRIMEIRA — A sociedade adopta a firma «ANTÓNIO CRUZ & FILHO, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua 14, número 425, em Espinho, durará por tempo indeterminado e pode estabelecer filiais ou delegações onde os sócios deliberarem, contando-se o seu início a partir de 1 de Maio corrente.

SEGUNDA — O objecto da sociedade é a indústria de tipografia, mas os sócios podem deliberar a exploração de qualquer outro ramo que lhes seja consentido por lei.

TERCEIRA — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 1.000.000\$00 constituído por duas quotas: uma de 750.000\$00, pertencente ao sócio António Domingues da Cruz e outra de 250.000\$00, pertencente ao sócio António Almeida da Cruz.

QUARTA — A gerência, dispensada ou não de caução e sempre livremente revogável, será exercida por um ou mais gerentes, eleitos em assembleia geral.

Parágrafo primeiro — Ficam desde já nomeados gerentes e dispensados de caução, ambos os sócios, bastando a intervenção de qualquer deles para que a sociedade fique vinculada.

Parágrafo segundo — Enquanto gerentes os sócios, qualquer deles poderá confessar, desistir e transigir livremente em qualquer pleito em que a sociedade seja interessada.

Parágrafo terceiro — Fica absolutamente vedado aos gerentes intervir em nome da sociedade em quaisquer actos estranhos aos negócios sociais.

QUINTA — Os sócios podem fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nas condições acordadas em assembleia geral. Não sendo acordadas outras condições, os suprimentos vencerão o juro da taxa anual de nove por cento.

SEXTA — As assembleias gerais, sempre que a lei não exija, imperativamente outras formalidades, serão convocadas mediante carta registada endereçada aos sócios com antecedência não inferior a 5 dias.

SÉTIMA — Falecendo qualquer dos sócios, a sociedade continuará com o sobrevivente e com os interessados na herança do falecido, que escolherão, entre eles, um que perante ela os represente.

OITAVA — Além dos casos previstos na lei, a sociedade dissolve-se desde que o sócio António Domingues da Cruz o exija.

NONA — Dissolvida a sociedade, a liquidação far-se-á abrindo entre os sócios licitação do estabelecimento em globo, com todo o seu activo e passivo, e adjudicando-se ao que mais oferecer por ele. O produto obtido será repartido pelos sócios em proporção das suas quotas.

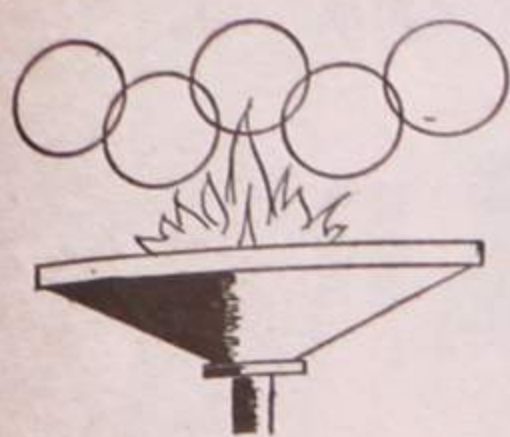
Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 7 de Maio de 1975.

A ajudante do cartório,

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

«Defesa de Espinho», N.º 2250, de 17/5/75



desporto



Sensibilização físico-desportiva

Já aqui abordamos pela rama este problema. Todavia, um escrito inserto no último número de «DE», subordinado ao título de «Domingo Dia Feriado», fez-nos volver à questão.

Na realidade, há todo um imenso trabalho a processar, no intuito de se reformular formas de vivências introduzidas nos hábitos das nossas gentes. A tarefa não é nada fácil, porquanto bem sabemos como será difícil iniciar tanta gente em novas formas de ocupação de tempos livres, quando a maior parte da sua existência se arreigaram a determinados costumes. Claro, há muitos recuperáveis, contudo a tarefa terá o seu fulcro de acção principal junto das camadas jovens, pois aí se inoculam os novos processos e a habitação desejada.

De facto, sem se coarctar a cada qual o pleníssimo direito de gozar os seus lazes da forma como lhe proporcionar maior felicidade, torna-se indispensável esclarecer e motivar as pessoas para vias das quais extraíam benefícios, ao invés de se prejudicarem. Foquemos, por exemplo, o caso de uma tarde dominical, evocando uma pessoa que a goza encafuada durante meia dúzia de horas num café. Facto banal, corriqueiro, costumado, entre nós.

Ora, por muito prazer que isso possa dar à pessoa, essa maneira de ocupar os tempos livres prejudica a sua saúde física, mercê de um ambiente saturado, poluído, barulhento, pois aproveitaria bem melhor se tivesse gasto, apenas, meia hora no café e as restantes num saudável passeio a pé, forma bastante eficaz e positiva de movimentação físico-desportiva com vantagens inerentes.

É evidente que se torna imperioso, premente, iniciar uma sensibilização físico-desportiva, com o fito de chamar as pessoas à realidade e demonstrando-lhes as formas mais válidas de ocupação das horas de lazer.

Vamos, efectivamente, para uma época propícia para se fazer algo nesse cam-

po, que constituirá, até, um ensaio relativamente ao porvir. E neste porvir, estamos a lembrar-nos da desejada massificação desportiva, um alvo a atingir, porém com implicações sociais condicionadoras, visto que é imprescindível, para tanto, reformular variadíssimos sectores que se inserem em contextos sócio-humano-profissional.

Mas, enquanto essa meta não se pode vislumbrar, há que incentivar as pessoas e se a nível de gente jovem isso é extremamente mais fácil, através das actividades escolares e dos clubes (pois no primeiro destes sectores cabe às esferas estatais a tarefa de dar aos estudantes as condições para as práticas físico-desportivas regulares, enquanto no outro as colectivas continuam a dinamizá-los), a nível da gente mais adulta a coisa torna-se mais complicada.

Tudo, porém, vai do começar e, assim, é necessário que surjam as iniciativas conducentes, organizando-se com a regularidade precisa e com bases indispensáveis, um programa de actividade capaz de chamar as pessoas para as movimentações físico-desportivas, das quais extrairão claros benefícios.

E, portanto, há que aproveitar os espaços livres, a praia, os recintos desportivos, a piscina, como os tempos de lazer, os sábados de manhã (para quem os tem livres), os de tarde, os domingos, idem, idem, com a Comissão Concelhia do Endo, a dar o lamiré, mais o apoio dos Clubes, levando a cabo uma sensibilização físico-desportiva regular nestes meses de estio que se aproximam e quando tanto apetece vida ao ar livre.

Vamos começar a fazer algo, em bases correctas, ainda que pouco, mas procurando fazer bem, dando-se os primeiros passos para levar as pessoas a ocuparem melhor os seus tempos e conquistando-as aos poucos para hábitos saudáveis.

C. S.



FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL DE RESERVAS

AVANCA, 0—ESPINHO, 5

SCE — Arménio, Gomes, Gonçalves II, Chico, Quaresma, Bené, J. Carlos, José Alberto, Telé e Peres.

1.º TORNEIO DE FUTEBOL JUVENIL DE ESPINHO

ESPINHO, 3—P. BRANDÃO, 1

SCE — Domingos (Cabra), Mário Jorge, Rogério (Cardoso), Toninho, Oliveira, Artur, Jesus (Pereira), Marques, Amadeu, Alfredo (Oscar) e Sabença.

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

U. DE LEIRIA, 3—ESPINHO, 2

SCE — Jorge, Sarabando, Rui Manuel, Cântara, Brito, Gaspar, Maia, Gonçalves, Ferreira, Freire, R. Oliveira.

ANDEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

ESPINHO, 13—MAIA, 9

SCE — Pinto, João, Tomás, Fernando, Filipe, Figueiredo, Mário, Gelásio, Manecas, Canelas e Dias.

VOLEIBOL

TAÇA DE PORTUGAL

B. P. S., 0—ESPINHO, 3

SCE — Rolando, Tomás, Rui, Padrão, Toni, Cadete, Júlio, Chico, Fernando, Luis e Paula.

HOJE

Pavilhão do S. C. E.

Às 22 horas — S.C.E.—Leixões

CAMPEONATO NACIONAL FEMININO

ESPINHO, 3—FIÀES, 0

ENCERRAMENTO

ESPINHO, 0—E. MATOSINHOS, 3

SCE — Lúcia, Bela, Clara, Teresa, Fátima, Guida, Alice, Palmira, Jesus.

HÓQUEI EM PATINS

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO (ZONA NORTE)

VALONGO, 3—AAE, 3

AAE — Vitor, Miro (1), Manel José, Rui Lacerda (1), Alfredo (1), Alcino, Rui Azevedo e Diamantino.

Excelente resultado, que vem traduzir o excelente momento de forma que a AAE atravessa, e aumentar as hipóteses de um apuramento para a fase final do Nacional.

CAMPEONATO REGIONAL DE INFANTIS

AAE (A), 13—AAE (B), 1

AAE (A) — Vitor, Silva, Sousa (1), Vitor Hugo (4), Gabriel (4), Marçal (3), Salvador (1) e Edgar.

AAE (B) — Morgado, Sá, Faria, Arsénio, Lima (1), Toni, Nelo e Guedes.

Bom jogo, com vitória natural da equipa A, apesar da excelente réplica da B, que tem feito notáveis progressos.

VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

AAE, 3—ESMORIZ, 2

AAE, 3—G. DE LAMEGO, 0

AAE — Rogério, Maltez, Jorge, Fidalgo, Orlando, Toni, Lacerda, Ricardo, Duarte, António Manuel, Rui e Peixoto.

Mais duas vitórias conquistadas por esta jovem equipa, que a colocaram isolada em 1.º lugar. Apesar de ter vencido estes dois jogos, a AAE ainda não atingiu o nível excecional que está ao seu alcance.

CAMPEONATO NACIONAL DE JUVENIS

AAE, 0—MADALENA, 3

AAE, 3—G. DE LAMEGO, 0

AAE — Serrano, Pinto, Paulino, Paupério, Baptista, Manecas, Chico, Fidalgo, Carlos Rui, Barra e Casimiro.

Dois jogos em que a equipa voltou a não render o que pode, principalmente contra o Madalena, uma equipa que tem uma «garrá» extraordinária a jogar e com a qual a AAE já fez esta época 6 jogos, tendo-os perdido todos. Assim, com esta derrota a AAE ficou praticamente afastada de discutir o 1.º lugar.

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO (FEMININO)

VILA REAL, 3—AAE, 0

AAE — Estela, Dina, Mira, Nanda, Tucha, Lurdes e Mena.

TORNEIO DE ENCERRAMENTO DE SENIORES (MASCULINO)

V. ANDORINHO, 0—AAE, 3

AAE — Monteiro, Melo, Araújo, Fausto, Luis e Beto

Mini-inquérito (Conclusão)

De qualquer maneira, choca-me as notícias da imprensa não ponderem aquelas trazidas pelas pessoas que de lá vêm.

Acredito que as coisas se resolvam pelo melhor, ou, se isso não for possível, que não chegue aos exageros e matanças por «dá cá aquela palha».

Inclusivamente estive com um colega meu natural cá de Espinho que teve que vir de lá para apreciar o movimento que cá se vive (pois eles lá também não sabem muito bem o que se tem passado aqui), e que deixa cá a mulher e vai para lá outra vez, pois também acredita nas pessoas que lá estão interessadas em que tudo se resolva pelo melhor.

Entretanto, indigna-me que, para haver uma autêntica mortandade no curto espaço de 1 ou 2 minutos baste que uma das patrulhas do MPLA ou do FNLA, ao passar pelo quartel do seu rival, se sinta «ofendida» com uma simples acção de um dos soldados do quartel ou sede lhe pôr a língua de fora!!!

Isto é um facto comprovado, em que posso apresentar a testemunha que assistiu a isso!

E passados uns dois a três minutos já se disparavam morteiros de uma delegação para outra!

Isto é um caso típico de uma informação que nunca cá nos chegou, para avaliarmos da tensão e insegurança que as pessoas lá vivem.

E é necessário convenceremo-nos que estamos integrados num movimento irreversível, debruçarmos-nos sobre o problema do Ultramar que foi uma herança e é sobre ela que temos que responder. O que estamos a realizar é ímpar no mundo: termos estado a fascizar determinado Povo, e agora que temos tantas dificuldades a resolver cá, no nosso País, estamos até mais empenhados em que todo o processo democrático seja levado até às Terras Africanas, quando qualquer poderia simplesmente dar a independência às Colónias e depois, «vocês que se arranjam!...»

Portanto, as pessoas que estão à frente dos destinos de Portugal não são pessoas cómodas: são pessoas que querem trabalhar, são pessoas honestas. Temos que estar com eles, e compreender que não podemos deixar na miséria, povos que foram escravizados, roubados, a quem sempre tiramos tudo e nunca demos nada; deixá-los à mercê de quem se quiser aproveitar deles. Isto se é que somos democratas, se é que defendemos que todos os povos são livres e iguais, dignos de viverem fraternalmente.»

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Passa-se
BARBEARIA

Falar pelo Telefone n.º 921651

O CINEMA QUE NÃO QUEREMOS

Tem sido frequentemente apontada, no nosso jornal, a flagrante mediocridade dos filmes exibidos nas duas salas de cinema de que dispõe esta cidade. Para uma melhor objectividade desta realidade confrangedora, demos-nos ao cuidado de inventariar a programação daquelas salas (Teatro S. Pedro e Casino) desde há 6 meses até esta data. Os resultados obtidos vieram confirmar o pessimismo deixado perceber por todas as apreciações aqui feitas sobre o assunto.

Foram cerca de duzentas as películas exibidas durante aquele período de tempo, o que indicaria, em princípio, que pela quantidade, Espinho ocuparia um lugar de grande privilégio quanto ao cinema exibido. Na verdade, contar-se-ão pelos dedos os centros populacionais do nosso País com uma agenda cinematográfica tão intensa.

Pretendendo evitar uma demasiada subjectividade na nossa apreciação sobre a qualidade dos filmes, entendemos que não seria descabida a utilização dos juízos emanados na imprensa pela crítica acreditada da especialidade. Assim instrumentados, fomos levados a concluir que apenas 5 dessas duas centenas de películas mereceram ser consagradas como «obras-primas», lugar comum geralmente dirigido às obras que pela sua forma e conteúdo representam um valor supremo a atingir numa actividade artística. Sem atingirem este nível artístico, mas a merecerem visão obrigatória, encontramos 11 filmes. De menor qualidade ainda, mas com algum interesse, de modo a justificarem a despesa com a aquisição dum bilhete, contamos 24 películas. Tudo o mais, e por exclusão de partes a esmagadora maioria, se queda pela negatividade total, embora muitas delas com apreciável êxito comercial.

Na consumação do aviltamento total da arte cinematográfica que caracteriza todo este grupo maioritário, são diversos os processos adoptados: a exploração desenfreada da pornografia e pseudo-erotismo, com particular evidência após a abolição da censura; a utilização da violência gratuita e traumatizante; a criação de situações fictícias, que mais não fazem do que promover a desmobilização para as realidades concretas, na forma de «dramalhões» ou «comédias» de mau gosto; a «espionite» como veículo já quase gasto do mais grosseiro anticomunismo e reacção.

Pudemos ainda constatar que muitos dos filmes de certo interesse que deram entrada no circuito comercial não passaram pelas salas de Espinho, o que leva a pensar que a triagem feita pelos responsáveis poderá em parte explicar esta situação local. Notou-se ainda a ausência quase total dos filmes que pelo seu cariz político tinham a sua exibição interdita em Portugal e puderam agora entrar no nosso circuito comercial.

No sentido de nos procurarmos esclarecer directamente acerca das causas mais próximas deste estado de coisas, contactámos as pessoas que superintendem as programações do Teatro S. Pedro e do Casino.

Os depoimentos recolhidos convergiam de imediato para a atribuição de toda a responsabilidade às grandes empresas distribuidoras. Os responsáveis pelas salas de exibição vêem extremamente limitadas as suas probabilidades de escolha. Apenas lhes é concedida a oportunidade de optarem entre algumas listas fornecidas pelas distribuidoras, onde, para além de dois ou três filmes com interesse, surgem grandes quantidades de produtos

inferiores que as entidades exibidoras não podem de modo algum recusar. Acontece ainda que o número de exibições é imposto e todos nós conhecemos o tipo de filmes que são passados em várias sessões. Mais nos foi dito que do rendimento líquido das exibidoras, essas empresas distribuidoras arrecadam cerca de 60 por cento, sempre que essa receita ultrapasse um valor mínimo previamente fixado, já de si bastante elevado. Mesmo no caso do exercício das exibidoras ser deficitário, esses grandes senhores do comércio cinematográfico não renunciam a essa importância mínima, imposta por contrato.

Perante esta flagrante dependência dos exibidores por mais bem intencionados que sejam, e do próprio público que se vê limitado a consumir o que essas distribuidoras muito bem entendem, parece-nos que se está face a caso típico de exploração monopolista. Se grandes passos concretos têm sido dados nos mais diversos sectores de modo a combater este sistema económico, nada mais legítimo do que esperar que prontas medidas sejam tomadas no sentido de se rectificarem as relações entre distribuidores e exibidores, para que esta tão importante actividade esteja de facto ao serviço do público. A sua importância artística, cultural e social assim o exige.

Repare-se que não estão em causa apenas as anomalias de todo este intrincado circuito de comercialização, mas sobretudo os reflexos negativos que esta situação poderá ter junto das populações menos esclarecidas. É amplamente reconhecida a importância na (de)formação das consciências e se o cinema pode de facto ter uma importante função social, é evidente que os meios que os controlam não podem de modo algum ser deixados ao livre arbítrio dos interesses capitalistas, mas sim dos interesses da Revolução.

Julgamos que algumas medidas concretas neste sentido se poderão tomar: cessação dos contratos-tipo entre distribuidores e exibidoras, de forma que esses possam escolher livremente os filmes que lhes interessam; imediata restrição a quantidade de filmes importados, de forma a evitar que se inunde o circuito comercial com filmes sem um mínimo de qualidade, que, além de outros inconvenientes, dificultam a exibição das melhores produções; nacionalização das distribuidoras mais representativas, que permitam uma escolha criteriosa dos filmes a importar e que, embora a partida não ofereçam as garantias comerciais óptimas, assim o justifiquem pela sua qualidade; imposição de uma percentagem mínima na importação de filmes do cinema infantil e número mínimo de exibições destinadas às crianças; legislação que apoie amplamente as relações de cinema-clubes, clubs de cinema, etc., com as entidades distribuidoras e exibidoras; fixação de uma percentagem mínima de sessões destinadas aos filmes que pela sua qualidade e conteúdo possam servir mais directamente o actual processo revolucionário; limitação ao número de sessões destinadas a filmes de cariz vincadamente pornográfico, violento ou de qualquer outra forma alienatórios.

São estas, em resumo, as considerações que se nos oferecem, em face dos dados de que dispomos. Outras questões se poderiam aqui levantar, mas em virtude de se aguardar a publicação da Lei do Cinema que muito poderá corrigir, julgamos ser preferível, por enquanto, nada mais adiantar sobre este assunto.

«D.E.»

Cinema



NUM FIM DE SEMANA — 3 FILMES

Neste fim de semana Espinho pode ver 3 filmes que por diferentes maneiras tentam abordar uma mesma sociedade repressiva, localize-se ela na Inglaterra ou na América do Sul com ligações muito íntimas com a do Norte.

Qualquer dos filmes será capaz de motivar opiniões e juízos diversificados, conforme a posição ideológica em que nos situemos ou conforme a interpretação que dermos a cada uma das situações que nos é apresentada.

São algumas dessas diferentes opiniões, por diversas pessoas manifestadas que a seguir passo a anotar:

SE... de LINDSAY ANDERSON — Hoje, 24, no S. Pedro

«Procedente do «pre-cinema» e uma das suas principais figuras na época heróica, Anderson teve o bom senso de procurar evitar os módulos que regeram aquele movimento, de evitar o realismo directo, de primeira mão, de modo que o seu filme fosse algo mais que um «dossier» sobre as «escolas públicas», o que, se tivesse acontecido, teria invalidado um final que requer, para ser crível, a precedência de um tratamento que vá para além do naturalismo.» (César S. Fonseca in «Nuestro-Cine» n.º 86).

LARANJA MECÂNICA, de STANLEY KUBRIK — Amanhã, 25, no S. Pedro

«Alex, o narrador-herói, é a personificação da violência violentada, e «Laranja Mecânica» é a violenta violência do cinema a narrar a violência cósmica. A violência é já um fenómeno histórico, um facto concreto. Melhor: a violência é estado, uma educação, uma maneira de ser, uma conduta, um quotidiano, uma filosofia. Ela é o Mundo de hoje. E ela está ao virar de cada esquina, em cada dia e em cada noite, na bicha do autocarro, na enchente do metropolitano, no bar, no café ou na publicidade, nos olhos do vizinho, do companheiro ou do amigo, no sorriso do chefe ou do colega, no jornal, na televisão, no desporto, no político e no partido, no pai, na mãe, na máquina de lavar ou no «buldozzer», na construção e na destruição, no sexo, na submissão ao sexo, no matrimónio, principalmente na fome e no dinheiro, na música, no livro e no cinema, nas mãos dos outros e nas armas dos outros, nos olhos dos outros e no sorriso dos outros e na propriedade dos outros. A violência impera. Enorme, concreta, firmemente institucionalizada. Poderosamente enorme. Ela é erguida, planificada, coisificada e embuída como forma de conduta no indivíduo. (...) O carro é uma arma de violência, o dinheiro

um objecto de violência, a comida um bem de propriedade de violência, a propriedade forma história da violência, o sexo já não é a consumação do amor, mas a violência tiranizada, a política a violência da detensão do poder e o homem explorado pelo homem, cada vez mais a ser o homem violentado pelo próprio homem.

Aqui cabe «Laranja Mecânica», um violento filme de violência, não sobre a violência como muitos poderão dizer, mas sobre o espaço cósmico que é a vida no actual momento histórico. A violência cosificada no universo criado pelo homem. A destruição do universo criado pelo homem, pela violência criada pelo homem» (Rui Afonso, in CINEX n.º 2)

«Utilizando uma série de referentes culturais — que vão desde as imagens e os sons da cultura «pop» até algumas composições de música clássica — mais ou menos reconhecíveis pela maioria dos espectadores, «Laranja Mecânica» mais não faz do que sublinhar a violência, acabando por transformá-la em puro espectáculo. Quer isto dizer que a canção culturalista de que o filme se serve permite escamutear todas as determinações políticas da violência através da armadilha ideológica que consiste em representá-la como simples abstracção, facilmente consumível e perigosamente fascinante» (João Lopes in Vida Mundial).

ESTADO DE SÍTIO, de COSTA GRATIVAS — Hoje e Amanhã, 24 e 25, no Casino

«Estado de Sítio» é mais um caso típico desse cinema vulgarmente dito «político», cinema cujos efeitos equívocos dependem, em primeiro lugar, da retórica dramática dos «filmes policiais» a que constantemente se refere. O filme acaba, assim, por reduzir a actividade dos tupamaros no Uruguai a uma mera sucessão de factos cuja acumulação exaustiva produziria, magicamente, a verdade. Um filme politicamente incorrecto. (João Lopes in Vida Mundial).

A. CARDOSO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

ATENÇÃO — Brevemente abre ao Público PRAIA DO SOL

Com secções de DISCOTECA — novidades em discos e cassetes gravadas
VIAGENS — Aluguer Autocarros para Excursões

Organização de Viagens no País e Estrangeiro

Rua 16 — (Mercado Municipal) — ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO